

## Cultura *Seara Nova*, um caso exemplar de intervenção e longevidade

# A maior revista de oposição do século XX faz cem anos

Combateu a ditadura militar e o Estado Novo e continua a sair trimestralmente. Programa do centenário é divulgado hoje

**Luís Miguel Queirós**

O programa do centenário da *Seara Nova*, cujo número inaugural foi publicado a 15 de Outubro de 1921, e que ainda hoje se publica, é apresentado esta tarde na Câmara Municipal de Lisboa e incluirá, entre várias outras iniciativas, uma extensa série de colóquios – a começar na Gulbenkian, a 12 de Outubro, com *Os Seareiros* –, uma exposição itinerante e a estreia do documentário *Há 100 Anos, a Seara Nova*, realizado por Diana Andringa.

As comemorações, que se encerram formalmente em Outubro de 2022, são promovidas pela própria revista, que é hoje propriedade da Intervenção Democrática e tem como director João Luiz Madeira Lopes, estando a coordenação científica do programa a cargo de Luís Andrade, do Centro de Humanidades da Universidade Nova de Lisboa, também coordenador do portal Revistas de Ideias e Cultura, que já em 2017 criou um *site* dedicado à *Seara Nova*, com a digitalização integral dos 1604 números publicados entre 1921 e 1984.

Fundada no período final da I República por Raul Proença, Aquilino Ribeiro, Jaime Cortesão, Raul Brandão e outros intelectuais descontentes com a decadência do regime e empenhados em comprometer a elite cultural e científica portuguesa num projecto de reforma política e social que criasse um país mais justo, instruído e moderno, a *Seara Nova* foi depois um espaço de oposição permanente à ditadura militar e ao Estado Novo, combate que custou a muitos dos seus principais colaboradores a prisão e o exílio.

“A *Seara Nova* representa o esforço de alguns intelectuais, alheados dos partidos políticos mas não da vida política, para que se erga, acima do miserável circo onde se debatem os interesses inconfessáveis das clientelas e das oligarquias plutocráticas, uma atmosfera mais pura em que se

faça ouvir o protesto das mais altivas consciências, e em que se formulem e imponham, por uma propaganda larga e profunda, as reformas necessárias à vida nacional”. Assim abria o editorial do primeiro número, no qual os fundadores se comprometiam, “em nome de toda a elite portuguesa”, a ser “poetas militantes, críticos militantes, economistas e pedagogos militantes”.

Uma determinação que iria ser duramente posta à prova com a instauração da ditadura militar, em 1926, e depois do Estado Novo. Mas a seriedade do compromisso ficaria demonstrada logo na primeira grande revolta contra a ditadura, desencadeada a 3 de Fevereiro de 1927 no Porto, e em cuja preparação vários fundadores da revista tiveram um papel preponderante: Raul Proença combateu nas ruas do Porto de armas na mão e Jaime Cortesão ainda chegou a ser efemeramente nomeado governador-civil da cidade.

“Depois do 3 de Fevereiro, cinco dos sete directores da revista, e ainda Aquilino Ribeiro, que não integrava a direcção mas era umas das principais figuras do grupo, estavam exilados em Paris”, lembra Luís Andrade, sublinhando a militância oposicionista dos seareiros desde os primeiros anos da ditadura. Um desses exilados, que integrava a direcção desde 1923, e que foi mesmo banido do país, era António Sérgio, que veio a ser o mais prolífico autor da *Seara Nova*, assinando 303 artigos.

### Seareiros no Aljube

Que o segundo autor mais representado não seja Raul Proença, ou Cortesão, ou ainda Luís da Câmara Reis, que administrou a revista desde a sua fundação até 1961, mas o compositor e musicólogo Fernando Lopes-Graça diz bastante da componente literária e artística desta revista “de doutrina e crítica”, como se auto-intitulava. Além de ter acolhido escritores como Raul Brandão, Aquilino Ribeiro, Manuel Teixeira Gomes, José Rodri-



gues Miguéis ou José Régio, a revista, nota Luís Andrade, serviu de tribuna a importantes críticos e historiadores de arte de diversas disciplinas, como Lopes-Graça e Humberto de Ávila, na música, Adriano de Gusmão, nas artes plásticas, José-Augusto França, que na revista escreveu principalmente sobre cinema, ou João Pedro de Andrade, no teatro.

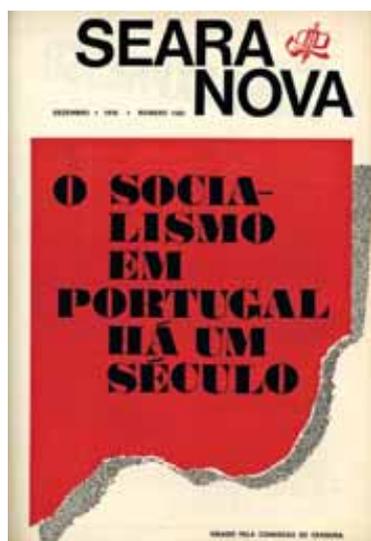
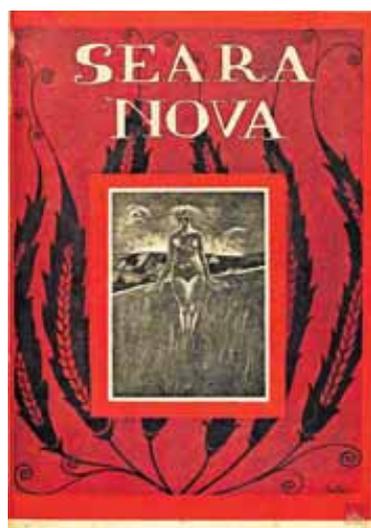
Se o período inicial da *Seara Nova* e a sua relação com *A Águia* de Teixeira de Pascoas, da qual tinham saído Proença e Cortesão, tem sido bastante estudado, o papel da revista nos anos da ditadura militar está mais esquecido, e este programa de comemorações procura lembrá-lo, designadamente com o colóquio *A Seara Nova no Aljube*, que terá lugar, de 19 a 21 de Fevereiro de 2022, no próprio Museu do Aljube. “Entre os 50 articulistas que subscreveram um maior número de peças na revista, 21 constam no registo geral de presos políticos, muitos dos quais conheceram as celas do Aljube, de Jaime Cortesão a Agostinho da Silva”, diz Luís Andrade, um dos oradores destas conferências, nas quais intervirão ainda o anterior director do museu,



Luís Farinha, o advogado e músico antifascista Levy Baptista, ex-director da *Seara Nova*, Cecília Honório – que falará das mulheres seareiras –, Alfredo Caldeira, durante muitos anos responsável pelos arqui-

vos da Fundação Mário Soares, e o jornalista e investigador Fernando Correia.

Para o Museu do Aljube, actualmente dirigido por Rita Rato, está ainda prevista uma exposição com



**Entre os fundadores da Seara Nova encontravam-se Raul Proença, Aquilino Ribeiro, Jaime Cortesão e Raul Brandão**

**O primeiro número da Seara Nova, datado de Outubro de 1921, e outro de 1970**

**À esquerda, em baixo, uma foto chumbada pela censura**



**Depois do 3 de Fevereiro [de 1927], cinco dos sete directores da revista, e ainda Aquilino Ribeiro, que não integrava a direcção, estavam exilados em Paris**

**Luís Andrade**  
Coordenador científico do programa do centenário

centenas de livros e cadernos, dimensão que será acentuada através de um colóquio e de uma exposição que terão lugar pelo final do ano na Biblioteca Nacional.

#### **Mais de três mil autores**

Antecipando o arranque oficial das comemorações em Outubro, a Fundação Mário Soares vai organizar, já nos próximos dias 7 e 8 de Junho, o colóquio *Seara Nova: Discurso Programático e Intelectualidade Republicana (1921-1979)*. E além dos vários outros encontros já referidos, estão ainda previstos mais para o final do ano A *'Seara Nova' em Paris*, no Centro Cultural Português em Paris, que tratará da influência da cultura francesa na revista, mas também do exílio de seareiros em França, e um simpósio na Universidade de Évora intitulado *A Seara Nova e os Debates Contemporâneos*. Muito centrado no sul do país, o programa dará ainda um salto em Outubro deste ano a Vila Nova de Famalicão, para uma jornada seareira no Museu Bernardino Machado.

Já no próximo ano, e em princípio no Museu do Neo-Realismo, irá realizar-se o colóquio *A Seara Nova e a Crítica de Artes*, que, justifica Luís Andrade, “resulta da observação de que a *Seara Nova* é provavelmente o maior e mais qualificado repositório de crítica de artes português”, um seu aspecto pouco ou nada estudado.

Não faltarão, de resto, outras dimensões pouco exploradas numa revista que, já sem falar nas suas reconfigurações mais recentes, publicou cerca de 21.500 peças de mais de três mil autores e que teve (tem) uma longevidade muito invulgar. A periodização mais consensual da revista costuma assinalar cinco fases: a primeira, da fundação e definição doutrinária, que terminaria em 1927; a segunda, até ao final dos anos 30, marcada pela oposição à ditadura militar; a terceira, até 1959, que coincide com uma fase de publicação mais irregular; um quarto período do início dos anos 60 ao 25 de Abril, no qual a revista sofre uma transformação doutrinária que a aproxima do marxismo; e finalmente uma fase de desagregação que culmina em 1984. A *Seara Nova* ainda regressa no ano seguinte, mas com uma nova série, e finalmente tornou-se a revista trimestral que hoje é, e que retomou a numeração original, incorporando nela as edições que entretanto tinham sido publicadas.

E ao longo deste percurso, sublinha Luís Andrade, “houve várias ocasiões, nomeadamente ao longo da Segunda Guerra Mundial, e após a extinção de *O Diabo*, *Pensamento*, *Sol Nascente* e da *Presença*, durante o ano de 1940, em que a *Seara Nova* foi a única revista da resistência cultural e política com alcance nacional que os homens de letras insubmissos tinham ao seu dispor”.

**Ao Vivo** | **P**

publico.pt/aovivo



## ENCONTRO DE LEITURAS

**O clube de leitura dos jornais PÚBLICO e Folha de São Paulo.**

Todas as segundas terças-feiras de cada mês



**TERÇA-FEIRA, 11 DE MAIO, 22H (18H NO BRASIL)**

Isabel Coutinho e Úrsula Passos dirigem **um encontro entre Jeferson Tenório e os seus leitores. Em destaque, a obra *O Averso da Pele*.**

Participe por Zoom na reunião com a ID 912 9667 0245. A senha de acesso é 547272.



**P + FOLHA DE S.PAULO**